



Urbano Bettencourt

J.H. SANTOS BARROS: Morrer de fazer versos

Domingo a circular comovidamente pelas páginas deste livro, à toa, tentando surpreender o sopro inicial e a respiração de algumas palavras, de alguns poemas que me passaram pelas mãos e muito perto do coração, ainda no seu andamento manuscrito ou já dactilografado e no jeito artesanal de pequenas obras feitas para andar de mão em mão. Circular por estes quase vinte anos de versos, organizados por Jorge Reis-Sá e prefaciados por A. Lobo Antunes, agora finalmente depositados perante o olhar do leitor e no lugar editorial que aguardavam e merecem.

Às vezes, doridas as palavras, melancólicas também, sobre um tempo despojado e a rede precária dos afectos, às vezes amargos e agrestes os versos trazidos dos trópicos e das suas florestas incendiadas pelo ódio, trazidos das crateras onde os corpos em pedaços, enfim socializados, serviam de pasto aos bichos da selva e aos de Lisboa.

Talvez Sintra fosse apenas um disfarce de superfície, nunca um projecto de meditação sobre Lenine, Trotsky, Mao e algumas coisas da psicanálise, «antes de pôr de lado a guitarra eléctrica», antes de ver chegar a televisão de ontem, de hoje e do futuro com o seu programa civilizacional: «adormecer e lavar suavemente como o Lux da Bardot».

Em Lisboa havia o museu etnográfico e a sua múmia e ainda as muitas outras à solta, entre elas a do primeiro-ministro que gostaria de dar um novo tiro na cabeça de Antero, e os jornais falavam de coisas distantes («a Europa fica para lá»), tinha escrito o Carlos Faria há muito tempo numa das epígrafes de «Glacial»), falavam de um muro que para uns era «da vergonha», para outros «a defesa antifascista» e para o poeta apenas o motivo para uma pergunta (e a «merda», digo eu?) já sem tempo de resposta, porque os muros levam sempre mais tempo a derrubar do que a erguer, mesmo quando são de arame farpado como o da Base (afinal, Lajes



Field) e as palavras circulam através das suas malhas: «Fuck you, Joe!»

E nada isto era definitivo nem seguro porque havia sempre uma vaga em surdina, às vezes a irromper e a desfazer-se sobre a costa do texto, trazendo nomes e signos como baía, s. mateus, monte brasil, ilhas cercadas, igualmente ocupadas, súpticas erguidas no meio da febre: «Mãe: quando voltares, traz-me nas tuas mãos um pouco do mar». Mar de Melides, mar do Fanal.

Sob a face visível de tudo isso um projecto de escrita «capaz de romper as malhas metálicas tecidas à volta das ilhas que somos (Açores)», nesse minimanifesto de 1977. Projecto inteno e sem repouso, levado até quase ao último dos dias por quem



também poderia confessar ter-se desfeito em linguagem.

ALEXANDRINA, como era.

ANGRA, como era: luminoso texto-testemunho de Gil Reis aqui inserto, sobre esse tempo em que ele assinou com Santos Barros o livro de poemas *Novíssima Poesia Açoriana*, momento inaugural a meados da prodigiosa e contraditória década de sessenta, entre complicitades e descobertas, a literatura e a música, em permuta geracional com nomes que hoje pertencem à nossa memória literária, ao universo dos nossos afectos. Escrita seca e directa, a desafiar poetas outonais e a esconjurar tardias efusões líricas, porque, afinal, «O Amor é / Um cavalo / A dar coices na Lua».

J.H.Santos Barros, *Alexandrina, como era (Todos os Poemas)*.

Imprensa Nacional, 2018.

Governo Regional promove realização do 1.º Festival Infantojuvenil de Artesanato dos Açores



A Vice-presidência do Governo, através do Centro Regional de Apoio ao Artesanato (CRAA) promove, de 3 a 5 de Maio, em Ponta Delgada, a realização do 1.º Festival infantojuvenil de Artesanato dos Açores - Raízes.

Esta iniciativa pioneira, que nasceu

do Raízes - Projecto Pedagógico do Artesanato dos Açores, visa sensibilizar o público mais jovem para a importância do saber fazer, pretendendo o CRAA dar a conhecer tanto as técnicas e as matérias primas tradicionais como a experimentação criativa e inovadora de novas

formas de fazer, para que também os jovens divulguem as tradições e a herança cultural da sua comunidade.

Nesta primeira edição, o programa do festival, para além da parte comercial, inclui workshops, espectáculos de música comentados e de teatro de marionetas, estando previstas actuações de Rafael Carvalho e dos grupos Teatro Historioscopio, Teatro Marionetas e Associação Alma d'Arame.

O festival terá também uma zona exterior de convívio, onde os mais novos terão à sua disposição brinquedos, jogos tradicionais e lanches saudáveis.

No primeiro dia do evento, 3 de Maio, estão previstas iniciativas destinadas ao público escolar, incluindo demonstrações de artesanato, um espectáculo musical comentado de viola da terra e teatro de marionetas.

Integrada neste festival, vai estar em

destaque no 'Especial Açores in a Box' uma mostra e venda de brinquedos tradicionais e contemporâneos de várias ilhas do arquipélago, que pode ser visitada das 10h00 às 18h00, no dia 3 de Maio, das 09h30 às 20h00, no dia seguinte, e das 14h00 às 20h00, a 5 de Maio.

No contexto do Raízes - Projecto Pedagógico para o Artesanato dos Açores serão realizados workshops de pão, de modelação de cerâmica, de brinquedos de madeira, de cestaria, de bonecas de folha de milho e de bonecas de pano, devendo os interessados inscrever-se através do telefone 296 309 100 ou do email craa@azores.gov.pt.

O 1.º Festival Infantojuvenil de Artesanato dos Açores - Raízes tem entrada livre e estará aberto ao público no dia 3 de Maio, das 10h00 às 15h00, e, nos dias 4 e 5 de Maio, das 14h00 às 20h00.